

RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Emely Guarez
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Solange Aparecida de Souza Monteiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

M775r Monteiro, Solange Aparecida de Souza.
Relações de gênero e as subjetividades em contextos culturais 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-451-1
DOI 10.22533/at.ed.511203009

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I.Monteiro, Solange Aparecida de Souza..

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

SE UM DIA AS MULHERES ENFURECESSEM

Adriana Novais

Em fúria não permitiriam que a televisão pautasse sua beleza.

Em fúria faliriam todas as clínicas de estéticas.

Jamais transariam sem vontade.

Se um dia as mulheres se enfurecessem não aceitariam que o Estado regesse seu corpo.

Em fúria decidiriam se queriam ou não, ter filhos.

Em fúria não usariam roupas desconfortáveis em nome da aparência.

Em fúria usariam apenas a que lhes dessem vontade.

Em fúria não permitiriam que a outra apanhasse.

Em fúria revidariam os tapas na cara, os chutes e os ponta pés.

Em fúria não seria escrava em sua própria casa.

Se um dia as mulheres se enfurecessem, calariam a boca dos padres e dos pastores que pregam o dever da sua submissão.

Em fúria denunciariam todos os abusos cometidos nas igrejas, no trabalho, nas delegacias, nos hospitais e aqueles cometidos dentro das suas casas.

Em fúria, ensinariam as filhas a se defenderem e os filhos a não estuprarem.

Ah! Se um dia as mulheres se enfurecessem, escrachariam todos os companheiros de luta, dos partidos e movimentos, colocariam a nu seu machismo disfarçado no discurso revolucionário.

Em fúria, ocupariam os jornais, as redes de televisão contra a misoginia e o racismo.

Um dia, irmanadas numa grande fúria, todas elas, de todos os lugares, de todas as etnias, esmagariam todas as correntes da sua opressão.

Esmagariam o Estado, a Igreja e a Propriedade

As práticas sexistas podem decidir o que pertence ao mundo masculino e ao feminino, reguladas em estereótipos culturais arraigados desde a idade medieval como um padrão heteronormativo que deve ser seguido pela sociedade, se alguém desviar-se do prescrito será estigmatizado dentro do seu meio. Conforme os relatos de estudiosos nesse e-book, essas práticas são reforçadas na instituição escolar através da diferenciação que alguns docentes fazem do menino e da menina, na formação das filas, dos crachás e até mesmo nas escolhas dos brinquedos. Assim quando as crianças escolhem brinquedos que não são recomendados para o seu gênero conforme o padrão heteronormativo elas são repreendidas na família, na escola e na sociedade

Finco (2003) aponta

[...] relacionar gênero e infância permite que possamos enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver. Nesse sentido, proporcionaremos a esses meninos e meninas a possibilidade de serem eles mesmos e percorrerem novos caminhos vivenciando a infância na sua inteireza sem a interferência de ninguém padronizando um perfil como certo ou errado (FINCO, 2003).

Para Louro (2000), desconstruir essa forma de pensar desmistifica esses dois planos homem e mulher, retira-se esse pensamento de como se fossem dois polos diferentes e não pudessem ocorrer as interações entre eles. Essa proposta da desconstrução das dicotomias busca enfatizar estes dois polos não existem, ocorre uma pluralidade e, através dessas dicotomias pode ser um dos primeiros passos para um questionamento das relações de gênero levando ao fim do sexismo. Para a autora, existe uma lógica dualista que rege as polaridades, desmontando não apenas a ideia de que cada um dos polos masculino e feminino está presente um no outro, mas também que as oposições foram e são historicamente construídas. Esse processo de desconstrução não ocorre de maneira simples, mas ao longo prazo através de uma reflexão sobre as formas como as crianças se relacionam diante das diferenças de gênero na infância. É de extrema necessidade desconstruir a lógica binária na apresentação do mundo para as crianças: enquanto brinquedos e brincadeiras assumirem papéis de masculino ou feminino na escola estaremos fadados ao insucesso. Apesar de todas essas situações apresentadas estarem implícitas no dia a dia da escola e nas práticas pedagógicas de alguns docentes, a temática

ainda é muito restrita, geradora de medo, desconhecimento e pouco científico. Deve-se sair do senso comum, do conservadorismo, do obscurantismo, sobrepondo-se a vigilância epistêmica, no agir de forma questionadora, enfrentando o que nos causa tanto receio e que nos destina a fortalecer recrudescimento, desfazendo mitos e tabus no sentido de disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer pedagógico para emancipar por meio da educação e das meninas e dos meninos pode ser uma forma de florescer dentro dos muros das escolas.

Uma excelente leitura para todas e todos!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

MUJERES Y EDUCACIÓN: UNA HISTORIA EN LA PROVINCIA MEXICANA A MEDIADOS DEL SIGLO XX

Cirila Cervera Delgado

Mireya Martí Reyes

Esteffany Muñiz Paz

DOI 10.22533/at.ed.5112030091

CAPÍTULO 2..... 12

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA GERADA PELO NOVO CORONAVÍRUS: UMA REFLEXÃO ACERCA DA ATUAÇÃO DO ESTADO E O PAPEL DO DIREITO

Andressa Santos de Almeida

Tercília Júlia Oliveira Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.5112030092

CAPÍTULO 3..... 24

DIÁLOGOS ENTRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA IDENTIFICAÇÃO FEMININA, DA DICOTOMIA À FRAGMENTAÇÃO

Rafaela Sepulveda Aleixo Lima

Laís Teixeira Lima

DOI 10.22533/at.ed.5112030093

CAPÍTULO 4..... 36

A CULTURA MASCULINIZADA DO AUTOMÓVEL E A FORMAÇÃO DO MOTORISTA BRASILEIRO

Carla Rezende Gomes

DOI 10.22533/at.ed.5112030094

CAPÍTULO 5..... 56

A GAROTA PIN-UP: OBJETIFICAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

Ana Paula Oliveira Barros

DOI 10.22533/at.ed.5112030095

CAPÍTULO 6..... 62

DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA PERSPECTIVA DA DIFERENÇA SEXUAL

Rogério Goulart da Silva

DOI 10.22533/at.ed.5112030096

CAPÍTULO 7..... 73

MEDICALIZAÇÃO E GÊNERO: BREVES REFLEXÕES SOBRE A CIÊNCIA E AS PRÁTICAS DE SAÚDE DA MULHER

Júlia Gonçalves Barreto Baptista

Thais Maria Nogueira da Gama

Paula Land Curi

DOI 10.22533/at.ed.5112030097

CAPÍTULO 8..... 84

ESTUDO DISCURSIVO SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Carlos Roberto Bezerra Costa

DOI 10.22533/at.ed.5112030098

CAPÍTULO 9..... 96

UMA VOZ FEMININA E DISSONANTE NA EDUCAÇÃO DO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE 1946 -1950: MARIA ANGÉLICA DE CASTRO

Cleyde Oliveira de Castro

Murilena Pinheiro de Almeida

Maria de Lourdes Esteves Bezerra

Maria Evanilde Barbosa Sobrinho

Emerson Marques Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.5112030099

CAPÍTULO 10..... 110

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: O CASO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

Jascira da Silva Lima

DOI 10.22533/at.ed.51120300910

CAPÍTULO 11 118

ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO: OS REFLEXOS DO PATRIARCADO NAS RELAÇÕES LABORAIS FEMININAS

Leticia dos Santos Sousa

DOI 10.22533/at.ed.51120300911

CAPÍTULO 12..... 123

GERENCIALISMO NEOLIBERAL E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES

Paula da Luz Galvão

DOI 10.22533/at.ed.51120300912

CAPÍTULO 13..... 134

PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE ACERCA DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: REVISÃO INTEGRATIVA

Bruna Heintze Ferreira

Franciéle Marabotti Costa Leite

Letícia Peisino Buleriano

Rita de Cássia Duarte Lima

DOI 10.22533/at.ed.51120300913

CAPÍTULO 14..... 155

PERFORMANCE DE GÊNERO: HETEROTOPIAS INVENTIVAS NA EDUCAÇÃO

Caroline do Socorro Freitas Maciel

José Valdinei Albuquerque Miranda

DOI 10.22533/at.ed.51120300914

CAPÍTULO 15	165
A FORÇA SIMBÓLICA DAS POLÍTICAS DE COTAS DE GÊNERO NO BRASIL	
Pollyane Cunha Ferreira	
Rita de Cássia Alanna Pereira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.51120300915	
CAPÍTULO 16	187
A INSERÇÃO DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO MARANHÃO	
Rosylene Conceição Soares Cutrim	
Sirlene Mota Pinheiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.51120300916	
CAPÍTULO 17	201
PRESENÇA DAS MULHERES NOS SINDICATOS DOCENTES NO BRASIL	
Adenilde de Souza Dantas	
Maria Helena Santana Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.51120300917	
CAPÍTULO 18	214
SOBRE ESPAÇOS DE TEORIZAÇÃO FEMINISTA E SUAS OPRESSÕES	
Jacqueline Mary Soares de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.51120300918	
CAPÍTULO 19	224
AS LACUNAS DE GÊNERO NA DOCÊNCIA DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS	
Glauce Margarida da Hora Medeiros	
Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão	
DOI 10.22533/at.ed.51120300919	
CAPÍTULO 20	242
REDES DE SOCIABILIDADE, RELAÇÕES DE GÊNERO E EMPODERAMENTO DO FUTEBOL FEMININO	
Reinaldo Eduardo da Silva Sales	
Mayara Mendes Leal	
Helen Batista da Silva	
Ítalo Fabiano Corrêa Silva	
Paulo Henrique Garcia da Silva	
Thiago Roniere do Rosário Matos	
DOI 10.22533/at.ed.51120300920	
CAPÍTULO 21	253
INTERVENÇÃO EDUCATIVA PARA MELHORIA DE CONHECIMENTO SOBRE IST/HIV/ AIDS ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS	
Karoline Pontes Cavalcante Manguinho	
Priscila de Vasconcelos Monteiro	

Maria Lúcia Duarte Pereira
Monalisa Rodrigues da Cruz
Catarina Laborê Vidal Fernandes
Alana Kelly Áfio Caetano
Bruna Karine Amorim da Costa
Rita Maria Silva Almeida
Rayssa Veras Camelo
Rita de Cássia Gadelha da Silva
Rachel Cabral Mota
Laryssa Sá Machado

DOI 10.22533/at.ed.51120300921

CAPÍTULO 22.....259

GÊNERO, SEXUALIDADE E SUBJETIVIDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Melissa Camilo
Débora Cristina Machado Cornélio
Débora Fernandez Antonon Silvestre
Marilurdes Cruz Borges
Jeize Loici Back
Monique Delgado de Faria
Fabrício Augusto Correia da Silva

DOI 10.22533/at.ed.51120300922

SOBRE A ORGANIZADORA.....277

ÍNDICE REMISSIVO.....278

AS LACUNAS DE GÊNERO NA DOCÊNCIA DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Data de aceite: 01/10/2020

Glauce Margarida da Hora Medeiros

Ciências Sociais (UFRPE).

Extensão Rural e Desenvolvimento local -
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão

Arquitetura (UFPE).

Desenvolvimento Urbano (UFPE).

Estudos Iberoamericanos - Universidad
Complutense de Madrid

Universidade Federal Rural de Pernambuco
(UFRPE)

RESUMO: O objetivo deste artigo consiste em analisar o discurso, sobre as desigualdades de gênero, das mulheres docentes do ensino superior das Ciências Agrárias na Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Para tanto, incluiu-se dados relacionados a produção acadêmica de homens e mulheres do universo pesquisado. Tendo como pressuposto a hipótese de que só é possível perceber as lacunas de gênero utilizando as lentes da epistemologia feminista, e, desse modo compreender a desigualdade como construção social e cultural, desnaturalizando, assim, a discriminação com base no sexo. A trilha metodológica percorrida integrou revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas semiestruturadas. Como metodologia no exame das informações coletadas nas entrevistas utilizou-se a análise de discurso, aportada teoricamente em Eni Orlandi

(2012). A pesquisa de natureza qualitativa – embora, também revele dados quantitativos, inicialmente, mapeou o perfil do corpo docente dos departamentos de Agronomia, Medicina Veterinária e Pesca e Aquicultura e verificou as diferenças de gênero no exercício da docência a partir das informações de produção obtidas dos currículos consultados na Plataforma Lattes. Os resultados encontrados na etapa quantitativa indicam que as ciências agrárias ainda é masculinizada, porém, a participação de ambos os sexos já é percentualmente paritária na medicina veterinária. A etapa qualitativa revelou através da análise dos discursos, lacunas de gênero invisibilizadas pela naturalização da divisão sexual do trabalho, e evidenciou que as discriminações somente são percebidas quando observadas a partir da perspectiva de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Divisão sexual do trabalho, lacunas de gênero, naturalização, discurso.

GENDER GAPS IN AGRICULTURAL SCIENCES TEACHING

ABSTRACT: The objective of the present study is to analyze the discourse of women teachers of higher education in the Agrarian Sciences at UFRPE, about gender inequality, we also sought to identify gender gaps in the faculty and academic productions of men and women in the universe. searched. Assuming the assumption that it is only possible to perceive gender gaps using the lens of the gender perspective, and thus to understand inequality as a social and cultural construct, thus denaturalizing gender-based discrimination. The methodological path followed included literature review, document analysis and

semi-structured interviews. As methodology in the examination of the information collected in the interviews was used the discourse analysis, theoretically supported by Eni Orlandi (2012). The qualitative research - although it also reveals quantitative data, initially mapped the faculty profile of the departments of Agronomy, Veterinary Medicine and Fisheries and Aquaculture and verified gender differences in teaching practice from the production information obtained from resumes consulted on the Lattes Platform. The results found in the quantitative stage indicate that the agrarian sciences are still masculinized, but the participation of both sexes is already percentage equal in veterinary medicine. The qualitative stage revealed through the analysis of discourses gender gaps made invisible by the naturalization of the sexual division of labor, and showed that discrimination is only perceived when observed from the perspective of gender.

KEYWORDS: Sexual division of labor, gender gaps, naturalization, speech.

1 | INTRODUÇÃO

Em todo mundo, as mulheres buscam por sua emancipação, embora, as bandeiras de lutas se relacionem especificamente com cada nação, cada cultura, a luta pela igualdade entre mulheres e homens é mundial¹. Além de internacionalizada esta é uma batalha secular, que já obteve conquistas significativas, como por exemplo, a inserção das mulheres na esfera pública.

Todavia, as estatísticas de gênero² demonstram que, apesar dos avanços progressivos em direção a igualdade entre mulheres e homens, estamos distante da almejada paridade de gênero. Como podemos verificar no relatório anual, Global Gender Gap Report³, divulgado no *World Economic Forum* (WEF), em 2018, que prevê somente para 2219 o alcance da igualdade de gênero no mundo do trabalho.

As desvantagem das mulheres no mundo do trabalho tem origem e base material na divisão social do trabalho entre os sexos. Esta separação, historicamente, utilizando-se da capacidade reprodutora biológica feminina, naturaliza um modelo único de maternagem, limitando as mulheres a reprodução social, ao trabalho reprodutivo. Enquanto o trabalho reprodutivo, não remunerado, sem valor mercantil, executado no ambiente doméstico, fica a cargo das mulheres, em uma relação naturalizada garantida pelo discurso hegemônico que atribui às suas condições biológicas, o trabalho produtivo remunerado, social e economicamente valorizado, executado no espaço público fica reservado, especialmente, aos homens (Danièle KERGOAT, 2016; Helena HIRATA, 2007).

É a partir desta cisão na qual o trabalho é categorizado em atividades para homens e mulheres, alicerçado nas diferenças naturais entre os dois sexos, ou seja, as especificidades físicas de natureza biológica da mulher passam a determinar o comportamento e o papel

1. Disponível em <http://www.unwomen.org/es/get-involved/step-it-up>

2. As estatísticas de gênero devem refletir, segundo informações do Manual de Gênero da Divisão de Estatísticas das Nações Unidas (*United Nations Statistics Division* - UNSD), as questões relacionadas aos aspectos da vida de mulheres e homens, incluindo as suas necessidades específicas, oportunidades ou contribuições para a sociedade.

3. Disponível em: <https://www.weforum.org/reports/the-global-gender-gap-report-2018>

social de homens e mulheres e, a moldar uma identidade rígida “natural” para ambos. (Maria Helena CRUZ, 2012).

Durante séculos⁴, as mulheres não tinham acesso a educação e também, ao não desempenhar atividades remuneradas, a maioria das mulheres não arcavam com as despesas de sua sobrevivência, ficando dependentes financeiramente dos homens – o pai, o marido ou o irmão - e conseqüentemente, a relação social entre homens e mulheres, configurou-se, e ainda configura-se para muitas mulheres, em uma relação desigual de poder. Desigualdades estas amparadas nas diferenças sexuais de ordem biológica que submete às mulheres a dependência política e social, justificando e naturalizando a desigualdade entre homens e mulheres em todas as dimensões da vida, ou seja, legitimando socialmente a condição de subalternidade das mulheres.

Essa condição hierarquizada em posição de inferioridade, imposta às mulheres, limitaram durante séculos sua atuação ao mundo privado negando-lhes a cidadania plena e, com isso, alguns direitos sociais e políticos, como por exemplo, o direito ao voto e ao acesso à educação.

A escolarização não foi percebida como um instrumento de inserção das mulheres em uma atividade pública, pois eram preparadas para o casamento, ou para a vida religiosa. (Maria Inês STAMATTO, 2002; Milena ARAGÃO e Lúcio KREUTZ, 2010). Isto posto, entende-se que o acesso inicial à educação reafirmava o lugar social da mulher, enraizado na sociedade pelo patriarcado⁵, um conteúdo limitado que primava para garantir sua desenvoltura nos cuidados com a família, restrito a vida privada.

No entanto, as estatísticas do Censo Escolar 2018, e do Censo da Educação Superior 2017⁶ divulgadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP – têm demonstrado progressos expressivos no campo da educação, as mulheres são maioria em todos os níveis da educação básica. Nas universidades, 57,2% vagas são ocupadas por mulheres, e, nos cursos de licenciatura esse número chega a 70,6%.

Então, verifica-se que no campo da educação, assim como em outras áreas, sobretudo, no século XX e, no início, do século XXI, avanços significativos relacionados à condição da mulher, com a ampliação e consolidação de direitos. Contudo, estudos de gênero⁷ têm apontado que as conquistas ainda não foram suficientes para garantir a

4. História das Mulheres entendida como uma história relacional, ou uma história das relações sociais entre os sexos. (Teresa PINTO e Teresa ALVAREZ, 2014 p.12).

5. O conceito é utilizado neste artigo, a partir do debate feminista, o qual o define as relações de poder do homem sobre a mulher, gerador de desigualdades em todos os aspectos na vida das mulheres, no caso aqui do estudo, a divisão sexual do trabalho, produz no patriarcado um lugar de invisibilidade, de submissão hierárquica e conseqüentemente de desvalorização das docentes. Para aprofundar o tema patriarcado ler: (AGUIAR, 2015) e (SAFFIOTI, 1987, 2004).

6. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP Disponível em <http://portal.inep.gov.br>.

7. Campo de Estudos que busca compreender as relações sociais e de poder entre mulheres e homens, desnaturalizando a desigualdade de gênero, naturalizada pelo determinismo biológico, e estabelecer um recorte sobre aspectos da realidade social existente – no presente e/ou no passado – que têm como peça fundamental a organização de papéis sociais baseada numa imagem socialmente construída acerca do que foi consolidado como sendo masculino ou feminino por exemplo. (Joan SCOTT, 1991; Joana PEDRO, 2005).

igualdade entre mulheres e homens, mesmo quando legalmente já foi assegurada. (Helena ARAÚJO, 2013).

Dentro deste contexto, a literatura explicita inúmeras as possibilidades de investigações e análises sobre a situação da mulher na perspectiva de gênero no âmbito da política, da cultura e da economia, da educação e da ciência, etc. Entre elas, identificar e compreender obstáculos invisíveis que as mulheres enfrentam nas carreiras profissionais, e como as diferenças de gênero implicam nas áreas de atuação, na promoção e permanência, nas trajetórias acadêmicas das docentes do ensino superior. (Mario ALBORNOZ et al, 2018).

Considerando essas reflexões buscou-se neste estudo identificar o discursos das professoras sobre as desigualdades de gênero no exercício da docência nas Ciências Agrárias da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

A pesquisa que resultou neste trabalho mostra-se relevante em função de vários aspecto, entre eles: contribuir com a histórias das mulheres; relacionar a educação superior às relações de gênero, aportar dados a um campo temático no qual a literatura ainda é insuficient sobre as mulheres na academia, sobretudo, quando delimitada ao ensino das ciências agrárias, ambiente ainda muito masculinizado; por fim, dá voz às professoras das ciências agrárias em uma Universidade Federal, a partir dos seus próprios discursos e das suas vivências no exercício da docência.

Para compreender as lacunas de gênero presentes na suposta igualdade advinda das conquistas legais e da presença massiva das mulheres no ensino superior empregou-se uma abordagem materialista dialética em diálogo com a epistemologia feminista, considerando que esta perspectiva epistemológica nos guia de modo processual, observando as movimentações existentes e revelando as contradições presente no objeto de estudo. (Tatiane SANTOS et al. 2018).

A coleta e análise dos dados desenvolveu-se em duas etapas: (1) uma pesquisa documental, de caráter quantitativo, que consistiu na sistematização dos dados dos Currículos Lattes (CV) das/dos docentes que fizeram parte do estudo de caso e; (2) a pesquisa qualitativa com base nas informações coletadas dos depoimentos orais e entrevistas semiestruturada, com a participação dos sujeitos/sujeitas pesquisados/pesquisadas. Nosso recorte metodológico está ancorado na perspectiva de que em uma pesquisa científica, as abordagens quantitativa e qualitativa dos resultados podem ser complementares (Maria Cecília MINAYO, 2001).

Constituíram-se em sujeitos dessa pesquisa, para análise quantitativa, cinquenta (50) professores e vinte e oito (28) professoras (em exercício e sem nenhum tipo de licença ou afastamento, no período de 2013 a 2018), vinculados a três (03) departamentos da área das ciências agrárias da UFRPE: Agronomia, Veterinária, Pesca e Aquicultura. A partir deste universo realizou-se um recorte para a análise de discurso, portanto de natureza qualitativa, sete (07) docentes, entrevistadas no período de 2013 a 2018, pelo Núcleo de

Pesquisa Ação-Mulher e Ciência – NPAMC/UFRPE.

Os nomes das docentes entrevistadas, foram substituídos para preservar as identidades destas entrevistadas. A escolha dos nomes que aparecem no artigo, foi realizada com a intenção de divulgar e homenagear mulheres que militaram em favor do direito das mulheres à educação, mulheres que tiveram a ousadia de adentrar nesses espaços quando eles eram reservados majoritariamente aos homens, configuram-se como exemplos de vida encorajando outras mulheres a trilharem o mesmo caminho.

Nesse sentido, buscou-se observar as lacunas de gênero no discurso das docentes sobre as relações de gênero no ambiente acadêmico, e também o impacto do uso do tempo com as atividades domésticas e familiares em relação ao desenvolvimento de suas atividades laborais, podendo assim conhecer o contexto em que foi ou está sendo construída a carreira profissional dessas mulheres, e em que medida as lacunas de gênero são por elas percebidas e compreendidas, e de que forma são por elas naturalizadas as manifestações das desigualdades de gênero no mundo do trabalho.

21 O PERFIL DO CORPO DOCENTE E O DISCURSO DAS DOCENTES DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS DA UFRPE

Este estudo sistematizou dados quantitativos e qualitativos com o intuito de contribuir para a discussão sobre as lacunas de gênero no campo da Educação. Os resultados encontrados são dividindo em três partes a partir dos objetivos estabelecidos neste estudo.

1) Primeira parte: revela-se a partir da sistematização dos dados quantitativos o perfil do corpo docente;

2) Segunda parte: evidencia-se as diferenças na produção acadêmica entre homens e mulheres, considerando a produção a partir das publicações, orientações e participações em bancas;

3) Terceira parte: Identifica-se o discurso das mulheres docentes em relação às lacunas de gênero na docência das ciências agrárias.

2.1 Primeira parte: Mapeando o perfil do corpo docente

O corpo docente pesquisado tem 60,10% de homens no total da composição, dos três (03) cursos das ciências agrárias, confirmando a maioria masculina nas ciências agrárias. Os dados desta pesquisa revelam a tendência apresentada nos estudos encontrados durante a revisão bibliográfica, os homens representam a maioria de docentes nas ciências.

Conforme a tabela abaixo:

Sexo	Quantidade	Percentual
Mulheres	28	35.90 %
Homens	50	64.10 %

Tabela 1: Corpo Docente Pesquisado distribuído por sexo

Fonte: produzida pelas autoras, 2019.

Durante a análise identificou-se uma diferença significativa na composição por sexo na docência do DMV comparando aos outros dois departamentos, DEPA e DEPAQ, por isso, optou-se por expor os resultados também por departamentos.

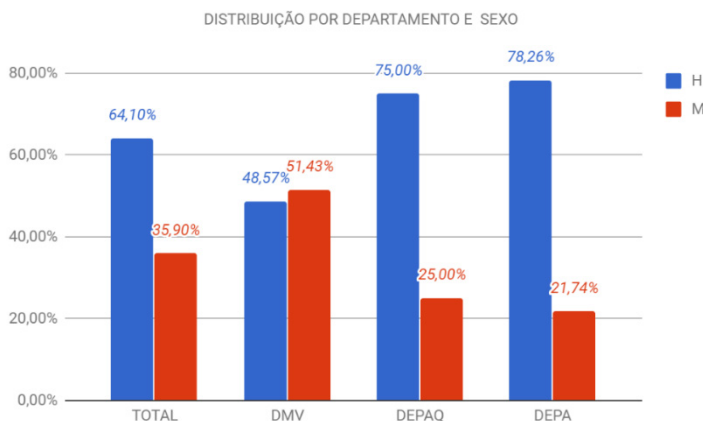


Gráfico 1: Distribuição do Corpo Docente por Departamento e Sexo

Fonte: Produzido pelas autoras, 2019.

Embora, o corpo docente continue masculinizado no universo das ciências agrárias, na Medicina Veterinária as mulheres são maioria com participação correspondente a aproximadamente 51,43% revelando equilíbrio na distribuição por sexo no corpo docente deste departamento. Entretanto, nos departamentos de Pesca e Aquicultura e Agronomia apresenta-se uma sub-representação das mulheres, aproximadamente de 25%, e 21,74%, respectivamente.

Em relação a formação dos/das docentes, todos e todas, são doutores, e 66,6% são pós-doutores. Pode-se considerar que o corpo docente é prata da casa, 61% dos docentes graduaram-se, 32% fizeram mestrado e 24% tornaram-se doutores na UFRPE.

O processo de internacionalização do ensino superior se apresenta através de professores estrangeiros, que somam 2,5% do total de docentes. Outro aspecto da internacionalização é o percentual de docentes que fizeram mestrado, doutorado ou pós-doutorado em universidades estrangeiras.

Departamento	Mulher	(%)	Homem	(%)	Total por Curso	(%)
DEPA	1		7		8	
DEPAQ	4		8		12	
DMV	4		7		11	
TOTAL GERAL	9		22		31	39,74%

Tabela 2: Docentes internacionalizados distribuídos por sexo e Departamento.

Fonte: Produzida pelas autoras. 2019

A internacionalização passiva, de acordo com a indicação da CAPES (2017), se revela nos seguintes dados: 39,74% dos docentes fizeram mestrado, doutorado ou pós-doutorado em outro país, nesse caso, as mulheres representam 11,53% dos sujeitos de pesquisa estudaram fora do país, os homens representam mais que o dobro, 28,20%. A proficiência em outros idiomas não consiste em barreira, considerando que somente 3,8% dos docentes não falam nenhuma língua estrangeira, 5,12% são bilíngues, 39,5% são trilingues e 51% do total são políglotas. Quando feito o recorte de gênero identifica-se que 50% dos homens e 53% das mulheres dominam mais de dois idiomas. Entre as mulheres apenas 3,57% falam somente português, entre os homens 7,14%.

Em relação a categoria docente, de acordo com a classificação do Magistério Superior estabelecida pela Lei nº 12.863/2013, o universo pesquisado concentra-se atualmente na categoria de professor associado, 51,18% dos sujeitos/sujeitas de pesquisa corresponde a esta categoria.

Categoria Atual	Mulheres	(%)	Homens	(%)	Total	(%)
Professor(a) Adjunto(a)	08	28,57	15	46,00	13	29,48
Professor(a) Associado(a)	12	42,85	28	56,00	40	51,18
Professor(a) Titular	08	28,57	07	14,00	15	19,23

Tabela 3: Docentes classificados por categoria atual

Fonte: Produzida pela autora. 2019

Apenas 19,23% dos/das docentes são professores/as titular, e 29,48% encontram-se na categoria de docente adjunto/adjunta. Entre os titulares as mulheres são maioria percentual, 28,57% do total de professores/professoras titulares.

Importante destacar que na progressão de categoria docente no magistério federal existe tempo mínimo determinado para cada categoria. Considerando que se identificou na análise que 55,12% dos/das docentes ingressaram na UFRPE no período 2003/2010, época da expansão do Ensino Superior Federal realizada no Governo Lula, podendo ser este o motivo do índice percentual abaixo de 20% de titulares no corpo docente, além de que somente a partir de 2013, foi regulamentada a progressão à Classe E, com denominação de Professor Titular, da Carreira do Magistério Superior. Entre as mulheres 60% ingressaram neste mesmo período, sugerindo que o último processo de expansão das IFES promoveu a inserção feminina na docência do ensino superior.

Após a análise considera-se que o corpo docente pesquisado têm seguinte perfil: homens, doutores, docentes associados, políglotas, com formação internacionalizada, e egressos da própria UFRPE, que atuam como revisores de periódicos e desenvolvem projetos de pesquisa.

2.2 Segunda parte: Verificando lacunas de gênero na produção docente

Observa-se que as mulheres apresentam uma produção aproximadamente correspondente com a sua inserção, considerando que apenas nas publicações de artigos completos elas tem a produção aproximadamente de 30% do total publicado.

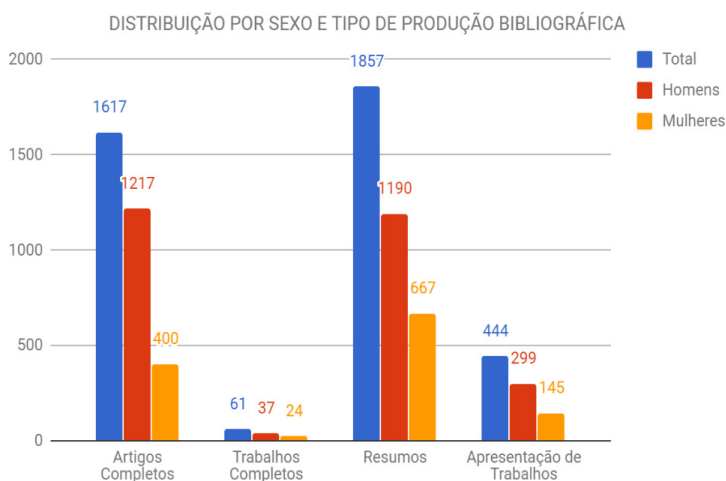


Gráfico 2: Distribuição por Sexo e tipo da Produção Bibliográfica (números absolutos)

Fonte: Produzido pela autora, 2019.

Quando analisados os percentuais de produção bibliográfica as mulheres respondem por 24,73% dos artigos completos publicados; 39,34% dos trabalhos completos; 35,91% dos resumos; e, 32,65% das apresentações de trabalhos.

Em relação aos projetos desenvolvidos, tanto de pesquisa como de extensão as mulheres estão inseridas em percentual maior do que a presença delas nos departamentos. 42,25% participam ou coordenam projetos de extensão e 64,57% das mulheres desenvolvem projetos de pesquisas.

Em relação ao trabalho de orientação percebe-se uma diferença nas orientações de mestrado, doutorado e pós-doutorado, com um percentual de orientações realizadas por mulheres abaixo dos 30%. 23,34% das dissertações de mestrados, 24,89% das teses de doutorado, e são responsáveis por 24,63% das supervisões de pós-doutorado.

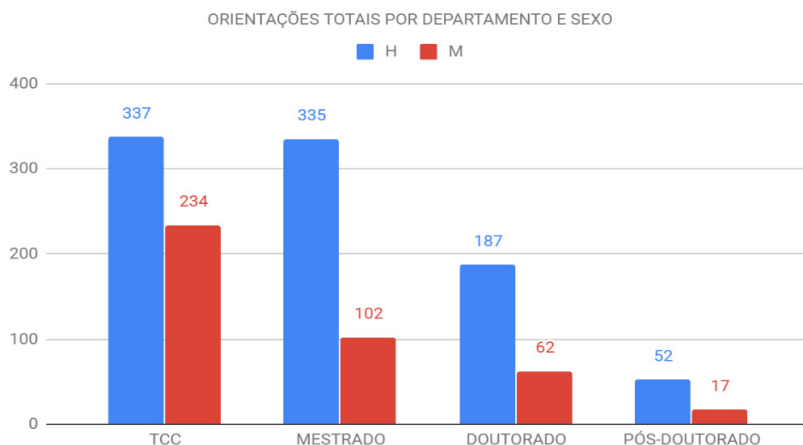


Gráfico 3: Orientações por grau e sexo. (números absolutos)

Fonte: Produzido pela autora, 2019.

Nas orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso das graduações elas são responsáveis por 40,98% dos trabalhos orientados.

Verifica-se a lacuna de gênero nas orientações dos níveis mais elevados e na publicação de artigos completos, o que pode ter relação direta com os números de orientações, visto que é no processo de orientação que a maioria dos artigos são construídos.

Em relação a outras produções acadêmicas correspondente ao exercício da docência as mulheres contribuem significativamente, pois em sua maioria elas têm a produção acima do percentual da presença delas, em relação ao total produzido pelo corpo docente.

2.3 Terceira parte: Analisando o discurso das docentes

A análise das 07 entrevistas realizadas com as docentes dos cursos de Agronomia, Medicina Veterinária e Pesca e Aquicultura, do campo das ciências agrárias, da UFRPE, constituintes deste estudo, apresentada neste capítulo atende ao objetivo de analisar o discurso das docentes sobre as lacunas de gênero no exercício profissional. Os aspectos analisados: **uso do tempo**⁸, considerando as dificuldades apresentadas e a ocupação; e **a naturalização da divisão sexual do trabalho**.

As docentes que compuseram este estudo de caso foram questionadas sobre suas trajetórias pessoais e profissionais, o motivo da escolha profissional, as dificuldades encontradas por ser mulher, se já sofreram discriminação de gênero no trabalho e na formação, estas categorias foram relevantes para esta análise. As principais categorias utilizadas para analisar o discurso das entrevistadas que foram sistematizadas tiveram como objetivo contribuir nesta interpretação, que será apresentada a seguir:

2.3.1 Motivos para escolha do curso e área de estudo

Na construção dessa categoria enquanto ponto relevante para a análise das entrevistas na perspectiva de gênero, refletiu-se sobre a relação da cultura nas opções individuais de homens e mulheres em todas as esferas da vida, inclusive na escolha do campo profissional.

Para Isaura Botelho, é na dimensão antropológica que a cultura se produz e reproduz por meio da interação social dos indivíduos, diz ela:

Na dimensão antropológica, a cultura se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas. Desta forma, cada indivíduo ergue à sua volta, e em função de determinações de tipo diverso, pequenos mundos de sentido que lhe permitem uma relativa estabilidade (Isaura BOTELHO, 2001. p. 74).

Entendendo que a primeira interação social de homens e mulheres acontece no ambiente familiar, na socialização primária. (Mariângela SAVOIA, 1989). E interação inicial influencia diretamente na construção de valores e sentidos, e, conseqüentemente será a partir deles que os indivíduos farão suas escolhas de vida.

O que se confirma com o discurso das entrevistadas: “[...] *cresci na zona rural, tive contato com fazenda, com roça, a minha vida toda*” (Virginia Leone Bicudo). Neste caso as experiências de socialização primária interferiram na escolha do campo profissional.

Os exemplos de referências pessoais próximas também têm ascendência sobre as escolhas: *“Meu pai é técnico agrícola e tinha um laticínio cresci mexendo com produção*

8 Os estudos de uso do tempo evidenciam: 1) as diferenças na divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres; 2) a sobrecarga de trabalho das mulheres e 3) a reprodução das desigualdades de gênero. Uso do tempo e gênero / organizadoras: Natália Fontoura, Clara Araújo ; Maria de la Paz López Barajas ... [et al.], 2016. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/uso_do_tempo_e_genero.pdf. jul. 2020. Acesso

agrícola. *Minhas duas irmãs são agrônomas também, que são mais velhas... aí acabou que eu também fui pra esse lado.*” (Virgínia Leone Bicudo). [...] *“Amiga que se formou em Agronomia no mesmo período (na época do vestibular) que disse “Vai embora que tu gosta de bicho!”*” (Elisa Frota Pessoa).

Em relação a motivação da opção pelos cursos identifica-se em apenas um discurso a afinidade com as disciplinas das exatas: *“Gostar da área de exatas e ter habilidade em matemática, além de gostar de estudar ciências e biologia.”* (Madame du Chatelet).

Embora, o estímulo no ensino fundamental e médio para meninas dirigidos para área das exatas seja recente, no Brasil (Vanderlan BOLZANI, 2017), chamou a atenção, o incentivo de um professor de Física do ensino médio, que influenciou na decisão de Enedina Alves: *“Sugestão de um professor de física do ensino médio”*. Visto que, são os homens mais estimulados a cursarem disciplinas ditas masculinas, as mulheres são estimuladas e educadas para serem enfermeiras, secretárias e professoras primárias. (Sandra CARTAXO, 2012).

Compreende-se que o estímulo de meninas ao estudo no campo das exatas não é suficientemente praticado no ensino médio, mas esta informação ao ser revelada indica que este é um caminho importante para uma maior inserção das mulheres nas ciências consideradas duras, e masculinizadas

2.3.2 Sentiu discriminação por ser mulher na trajetória acadêmica e/ou profissional

Todas as entrevistadas disseram não ter sofrido discriminação de gênero, contudo, durante a entrevista narram episódios que contradizem esta afirmação.

“Não. Eu acredito que não tenha sentido tanto pela minha personalidade. Eu sou muito de superar, me envolver, tudo que eu faço eu me envolvo de cabeça; mesmo que hajam obstáculos, eu vou seguindo em frente buscando novos horizontes. Nunca me vi necessariamente com a fragilidade da mulher. Nunca me senti coagida, inibida.” (Elisa Frota).

Na sequência, ela fala: *“quando estudante de graduação interessada na área de grandes animais o professor disse: “olhe, essa área não é pra mulher”,* claramente esta fala do professor apresenta um lugar predeterminado culturalmente para as mulheres na Medicina Veterinária. Elisa Frota completa sua resposta dizendo: *“[...] só que eu tava chegando pra mudar esse conceito.”* Apresentando em seu discurso uma compreensão que valoriza as características pessoais, individuais para “superação” do preconceito e responsabiliza a mulher enquanto indivíduo por sofrer ou não discriminação. O que revela que a entrevistada não reconhece a discriminação de gênero enquanto construção social e relaciona a superação das barreiras de gênero a vontade e determinação pessoal.

Em outro momento, Elisa revela que no processo de definição do orientador no mestrado foi indagada: *“Você pensa em ter filhos? Eu disse: Não! Não sabia que já estava*

grávida e tive que correr atrás.” A pergunta feita a ela expressa o entendimento de que maternidade e formação acadêmica é difícil de conciliar, a reprodução desse discurso desestimula às mulheres, quando não as exclui.

A afirmação de que o fato de ser mulher nunca foi motivo de discriminação seguida da valorização do próprio esforço pessoal encontra-se em na maioria das falas. Virgínia Leone Bicudo é contundente: *“Não, nunca senti!”*

Depois relata que ao chegar na propriedade rural em um grupo formado por mulheres, no trabalho de Extensão Rural, foi questionada pelo produtor. *“[...]Não tem um grupo com homens, não? Não. Ah! mas vocês sabem menos”* Embora, a pergunta tenha lhe causado estranhamento *“[...]Como? A gente faz o mesmo curso! A gente está capacitada da mesma forma”* identifica-se no discurso da docente a negação e a conformação. *“Ele não aceitou mesmo, ou trocava pra homem ou não entrava na propriedade dele. [...]tivemos que trocar porque não tinha alternativa, teve que ir um grupo que tinha pelo menos a maioria homem e tinha uma mulher só. [...] A gente teve que mesclar mais, porque eles não aceitavam grupo de mulheres, porque eles achavam que a mulher na agronomia não sabia de nada, não prestava pra nada.”* (Virgínia Leone Bicudo)

Essas vivências foram insuficientes para que percebessem as desigualdades de gênero.

2.3.3 Dificuldades em conciliar as atividades domésticas e o cuidado com as atividades profissionais

Encontrou-se nos discursos as lacunas de gênero que originadas na divisão sexual do trabalho, entre elas a sobrecarga da dupla jornada exclusiva das mulheres.

“Muita tenho muita. É porque a casa tá suja, por exemplo, só que eu tenho que vir pra rural, não tem jeito, tem que trabalhar, aí tenho que limpar à noite... Eu já saio muito sobrecarregada” (Elisa Frota)

“[...]Mesmo que a mulher trabalhe, ela é geralmente que faz isso. Eu acho que a sobrecarga feminina é maior.” (Bertha Lutz)

“Porque você sai de casa de manhã e só chega à noite...então como é que uma mulher vai dar conta de uma família se só tá em casa à noite, praticamente e, tem que dormir.” (Hipátia de Alexandria)

O discurso das docentes demonstram contradições, incompreensões, sobre a questão de gênero mormente quando as experiências vivenciadas foram insuficientes para compreender as desigualdades de gênero.

2.3.4 Dificuldades em conciliar a carreira com a maternidade durante o percurso acadêmico

“Um filho para amamentar fazendo o possível para estar presente em sala de aula 12 horas, suas mamas cheias de leite pedindo socorro para amamentar o seu filho, porque

dói e dói muito, e o seu professor diz: se você sair você leva falta. E ser reprovado por falta num programa de pós é complicado. Você corre o risco inclusive de perder bolsa, eu não podia me dar ao luxo” (Elisa Frota).

A culpabilização também é um discurso presente e recorrente entre as entrevistadas quando falam de conciliar as atividades profissionais com as tarefas domésticas e maternidade. “[...] Deixar o filho em casa *doente, vir pra universidade, isso não é fácil. Hoje mesmo, ele estava um pouco gripado e eu tive que vir.*” (Virgínia Leone Bicudo). “*Não vou almoçar com meu filho, que eu poderia ir almoçar e voltar. Então são coisas que realmente me deixam um tanto preocupada... a minha ausência.*” (Enedina Alves).

“Radicalmente, em termos de tudo, de dedicação ao trabalho, de desenvoltura intelectual, porque o homem ele pode até ter o papel de pai... mas a mulher sempre relega algo no lado profissional para cuidar de outras coisas.” (Bertha Lutz). Afirmação de que as mulheres colocam a profissão em segundo plano também reflete a culpabilização, embora neste contexto ela esteja se referindo a outra.

Nesse discurso, identifica-se a importância das políticas públicas para mulheres e da garantia das verbas da União para educação, considerando a conjuntura política atual de nosso país. “*Estava fazendo o doutorado na UNESP de Jaboticabal, em São Paulo, e na própria universidade havia infraestrutura de creche para filhos de funcionários professores e estudantes de pós graduação, o que foi muito positivo.*” (Enedina Alves).

“[...]eu adotei que iria cuidar do meu filho, minha mãe cuidou de mim sem precisar de babá. Então os seis primeiros meses que eu fiquei em casa de licença maternidade, eu que optei em ficar com ele sozinha, tomando conta, fazendo tudo, porque eu sei que eu daria conta. Mas agora depois que eu voltei a trabalhar que eu achei dificuldade, não pelo serviço, mas por conciliar os dois.” (Virgínia Leone).

Fruto da luta das mulheres por direitos e igualdade de oportunidades, tanto a licença maternidade quanto a creche da universidade que contribuíram para que as docentes pudessem conciliar a maternidade com as atividades acadêmicas e profissionais estão hoje ameaçadas pela agenda política do atual Governo, que cortou as verbas das políticas públicas para mulheres e ataca o orçamento das universidades.

Quando não podem contar com equipamentos públicos que garantam a conciliação da vida profissional e com as tarefas domésticas e a maternidade as mulheres recorrem a contratação de serviços.

2.3.5 Diferenças em relação ao uso do tempo da docente em relação aos colegas homens

Mesmo tendo afirmado que não sofreram discriminação de gênero, quando se pergunta sobre o uso do tempo delas e dos colegas de trabalho, todas elas responderam que os homens tinham mais tempo para se dedicar às atividades profissionais. “*Ah, com certeza né... eles não vão ao supermercado, eles não limpam casa, eles não têm cachorro*

para cuidar... E mesmo que tenham, não são eles que fazem nada disso. Geralmente todos eles são casados, são as esposas que fazem". (Madame du Chatelet).

"Sim, saio do trabalho vai fazer feira...vai fazer não sei o quê...e os homens na conversa não fazem nada disso, porque é a mulher que faz né?" (Bertha Lutz). No cerne desse discurso, as docentes reproduzem a naturalização da divisão sexual do trabalho ao revelar as diferenças entre homens e mulheres, porém, sem reconhecer essas lacunas de gênero enquanto discriminação por ser mulher. *"Sim. Eu percebo mais disponibilidades deles... pra várias atividades, pra viajar, pra se ausentar, uma vez que eles não têm o compromisso em casa que a gente tem, a obrigação de estar em casa que muitas vezes que a gente tem."* (Marie Curie).

A naturalização da divisão sexual do trabalho é tão entranhada em nossa sociedade, inclusive referendada pela maioria das religiões, justificando-a através do argumento divino. *"O que eu noto é assim, por exemplo, o homem tem mais liberdade pra dedicar o seu tempo ao trabalho, porque a função dele em casa é uma opção dele. Eu to dizendo pra vocês, meu marido faz, mas se ele não quiser fazer... ele não é obrigado a fazer. Então, essa é uma atribuição da mulher mesmo, né, essa é uma atribuição da mulher. E o homem não, as atribuições deles são outras. Foi assim que Deus criou."* (Hipátia de Alexandria)

2.3.6 Participação em atividades e eventos com a temática de gênero

Das sete (07) entrevistadas, apenas duas disseram ter participado de eventos sobre gênero em sua trajetória de vida pessoal e profissional. Contudo, as duas afirmam que não sentiram discriminação por ser mulher, mesmo relatando durante a entrevista fatos que revelam dificuldades oriundas das relações sociais desiguais de gênero

Embora as entrevistadas que disseram ter participado de atividades relacionadas a temática de gênero ao responderem que não nunca foram discriminadas por ser mulher indicam, mesmo quando seus discursos revelam o contrário, a não compreensão da característica estrutural e ideológica das desigualdades de gênero - no sentido de "estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas", que chama de "relações de dominação" - patriarcal e capitalista. (John THOMPSON, 1995, p.16).

As identidades de gênero são socialmente e historicamente construídas, determinando o papel social dos sujeitos, como femininos ou masculinos, naturalizando a desigualdade e reproduzindo as diferenças de gênero. Os discursos das docentes revelam como elas se identificam enquanto sujeitos que assimila e reproduz o comportamento feminino da ideologia dominante ou hegemônica, considerando que "a materialidade específica (particular) da ideologia é o discurso." (Eni ORLANDI, 2012. p.45).

As lacunas de gênero no exercício da docência das ciências agrárias, existentes se relacionam, mais destacadamente, com a naturalização da divisão sexual do trabalho.

O trabalho doméstico continua sob a responsabilidade exclusiva das mulheres, pois os homens que contribuem com as tarefas ligadas a essa esfera do trabalho o fazem sem a obrigação social. Por quê este trabalho é socialmente reconhecido como uma “obrigação”, como inerente à condição feminina e a maternidade, como explicita as informações da PNAD/IBGE ao longo da década.

O número de horas realizadas pelas mulheres na execução dos afazeres domésticos é de 2,5 vezes superior ao dos homens. Há um número de mulheres empenhadas nestas tarefas que é duas vezes o número de homens.

Mesmo não trabalhando neste estudo com o conceito de carga mental verifica-se no discurso das docentes a manifestação desta lacuna de gênero. *“Se eu não tenho a secretária lá em casa...ou tendo, ao mesmo tempo tenho que falar as coisas pra ela, ver se tá tudo certo...”* (Hipátia de Alexandria).

Contudo, somente a perspectiva de gênero revela as lacunas de gênero cotidiana, é preciso utilizar lentes talhadas pelos estudos e movimentos sociais feministas para desnudar as sutilezas do patriarcado e do machismo no cotidiano.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres vivem, mundialmente, período de consolidação de seus direitos e de sua cidadania, não obstante, as conquistas não se deem de modo unificado e uniformizado em todo o mundo, a entrada da mulher no espaço público, no mundo do trabalho, e sobretudo, o direito de acesso à educação, configuram-se em saltos civilizacionais essenciais para que as mulheres sejam livres, valorizadas e respeitadas.

Contudo, as relações sociais desiguais entre homens e mulheres, naturalizadas culturalmente persiste expressando-se através desigualdade de oportunidades, da não equidade de gênero no exercício profissional das docentes, na medida em que elas precisam conciliar as atividades domésticas e do cuidado, ou seja, o trabalho reprodutivo, com as atribuições profissionais do trabalho produtivo. Conferiu-se nesta pesquisa a importância da utilização do conceito de divisão sexual do trabalho, visto que, o uso do tempo nas tarefas domésticas impacta diretamente na trajetória profissional das docentes.

A exclusividade da responsabilidade do trabalho reprodutivo é uma das marcas profundas da desigualdade de gênero. Sobrecarrega as mulheres dificultando a conciliação das duas dimensões da vida, pessoal e profissional, pois, discrimina, culpabiliza, e oprime mulheres de todas as classes sociais, raça, credo, geração e orientação sexual. Não se tratou neste estudo dos recortes de raça e classe, todavia, admite-se a necessidade de estudos posteriores específicos que abordem essas questões, pois as mulheres são várias e é essencial que possamos compreender que as diferenças entre elas permite que umas sejam mais oprimidas do que outras - configurando-se em lacunas de gênero. Somos conscientes de que as mulheres que acessam a carreira de docente no ensino superior de

uma universidade federal, também, apresentam diferenças relacionadas a raça e classe, em menor escala, geração.

As lacunas de gênero não se expressam na produção do corpo docente, mesmo em menor número as mulheres, e com a tripla jornada, trabalhos domésticos e profissionais, e estudo, respondem sem maiores diferenças em volume correspondente a sua participação quando comparada a produção feminina e masculina relativa ao percentual da presença delas em cada departamento.

Em contrapartida, as lacunas de gênero, evidenciadas na análise de discurso, encobertas por um fino véu mantenedor das desigualdades entre mulheres e homens confirmou a força da cultura patriarcal a partir da naturalização dos papéis sociais determinados para ambos os sexos.

O mapeamento do corpo docente das ciências agrárias da UFRPE revelou a persistência do gendramento deste campo, com exceção da Medicina Veterinária onde identificou paridade de gênero na composição do quadro docente. Contudo, são muitas as variáveis que precisam ser investigadas posteriormente para tenhamos conhecimento sobre o gendramento internos de cada área, como por exemplo: As mulheres na engenharia de pesca se concentram nas atividades que não lhes exigem embarcar? Na veterinária as mulheres estão majoritariamente envolvidas com atividades relacionadas aos animais de pequeno porte, como os pets? Na Agronomia as mulheres são minoria nas atividades mais relacionadas as zonas rurais? Estão são questões, observadas durante esta pesquisa que poderão ser objetos de outros estudos complementando a este trabalho.

Analisar o discurso das docentes revelou a essencialidade de uma educação não sexista, pois, as características constitutivas da discriminação das mulheres lhes impõem dificuldades diárias, sentidas, vistas, percebidas, mas não compreendidas enquanto manifestação da opressão de gênero, estruturada nesta sociedade patriarcal. Observou-se que quando ultrapassadas as barreiras relacionadas a condição feminina remete-se esta superação ao esforço individual delas, e pela evolução quantitativa significativa da inserção das mulheres em vários espaços da vida pública, sem, contudo, reconhecer o papel da luta das mulheres nestes avanços.

O não reconhecimento da discriminação por parte das docentes, demonstra a necessidade de construção de estratégias mais eficiente para revelar a desigualdade de gênero entranhada em nossa sociedade, desvendando-as mesmo quando maquiadas pela meritocracia, pela legalidade, etc. Entende-se que apenas através do conceito de gênero enquanto categoria de análise, e do conceito de patriarcado, na medida em que situa a desigualdade de gênero nas estruturas de poder político e econômico. Historicamente, podem conformar lentes capazes de visibilizar as lacunas de gênero, e, mais que isso, tornar compreensível a base estrutural da opressão de gênero, o capitalismo patriarcal e criar conhecimento crítico sobre a própria existência e de seus pares.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. Patriarcado. In: F L E U R Y -T E I X E I R A, Elizabeth (org.) **Dicionário feminino da infância**. Rio de Janeiro, Editora Fundação Oswaldo Cruz, 2015.

ALBORNOZ, Mario et al. **Las brechas de género en la producción científica Iberoamericana**. Observatorio Iberoamericano de la Ciencia, la Tecnología y la Sociedad de la Organización de Estados Iberoamericanos (OCTS-OEI) n.9 Outubro, 2018. Disponível em: <https://www.oei.es/historico/divulgacioncientifica/?las-brechas-de-genero-en-la-produccion-cientifica-iberoamericana>

ARAGÃO, Milena; KREUTZ, Lúcio. **Do ambiente doméstico às salas de aula: novos espaços, velhas representações**. Conjectura, Caxias do Sul, v.15, n.3, p. 106-120, dez. 2010. Disponível em: <www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/download/.../400>. Acesso em: 10 out. 2015.

ARAÚJO, Helena C. Participação das Mulheres e Democracia nas Universidades. In: **Gênero Educação e Política: Múltiplos olhares** / Tania Suely Antonelli Marcelino Brab0, (org); coordenação Diamantino Fernandes Trindade. – São Paulo: Ícone, 2009. p.59-72.

BOLZANI, Vanderlan. **As mulheres na ciência e as expectativas para o século XXI**. PortalNossa Ciência.SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA - SBPC. 2019. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/noticias/as-mulheres-na-ciencia-e-as-expectativas-para-o-seculo-xxi/3/>

BOTELHO, ISAURA. **Dimensões da cultura e políticas públicas. São Paulo Perspec. vol.15 no.2 São Paulo Apr./June 2001 Disponível em** : <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000200011>

CARTAXO, Sandra. Gênero e ciência: um estudo sobre as mulheres na física 1981- C242g **Gênero e Ciência: um estudo sobre as mulheres na Física** / Sandra Maria Carlos Cartaxo. -- Campinas, SP.: [s.n.], 2012.

CRUZ, Maria Helena Santana. **Mapeando diferenças de Gênero no ensino superior da Universidade Federal de Sergipe**. Aracajú, editora UFS, 2012.

FONTOURA, Natália Clara Araújo ; Maria de la Paz López Barajas ... [et al.]. **Uso do tempo e gênero / organizadoras**: Natália Clara AraújoFontoura ; Maria de la Paz López Barajas ... [et al.]. – Rio de Janeiro: UERJ, 2016. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/uso_do_tempo_e_genero.pdf

HIRATA, Helena. **Novas configurações da divisão Sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa. v. 37, n. 132, set./dez, 595-609. 2007

KERGOAT, Danièle. **Cuidado e a imbricação das relações sociais**. IN Gênero e Trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais/organização Alice Ranguê Paiva Abreu, Helena Hirata, Maria Rosa Lombardi; tradução Carol de Paula. – 1ª Ed. – São Paulo: Bomtempo, 17-26. 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. 2. ed.Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. 239 p.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. *História* [online]. 2005, vol.24, n.1, pp.77-98. ISSN 1980-4369. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>.

PINTO, Teresa; ALVAREZ, Teresa. **Dossier: História, história das mulheres, história do gênero. produção e transmissão do conhecimento histórico 2014** Ex aequo no.30 Lisboa dez. 2014
Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602014000200002

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. Sa o Paulo, Moderna, (1987).

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo, Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Tatiane; SANTOS SILVA, Handerson; MASCARENHAS< Nildo Batista; MELO< Cristina M Meira. **O materialismo dialético e a análise de dados quantitativos**. Texto contexto - enferm. vol.27 no.4 Florianópolis 2018 Epub Nov 01, 2018. Disponível em : <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072018000480017>

SAVOIA, Mariângela Gentil; Cornick, M A C P.**Psicologia social**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.114 p.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Um Olhar na História: A Mulher na Escola (Brasil: 1549 – 1910)**. In. História e Memória da Educação Brasileira, 2002.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Moderna Cultura**: Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise de Discurso 84, 90, 224, 227, 239

Assédio 118, 119, 120, 121, 122, 183, 203

C

Cidadania 20, 36, 53, 54, 65, 126, 172, 187, 191, 193, 199, 226, 238, 272, 273, 274

Coeducação 62, 70, 71

Cultura 24, 96, 97, 99, 104, 105, 106, 108, 155, 213, 241, 272, 273, 277

Cultura Machista 96

D

Desigualdade 12, 16, 26, 63, 64, 110, 114, 116, 120, 134, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 177, 178, 188, 194, 224, 226, 237, 238, 239, 271

Diferença Sexual 28, 31, 32, 62, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 157, 190

E

Educação 35, 36, 38, 41, 53, 54, 55, 62, 68, 70, 71, 83, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 117, 155, 164, 187, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 212, 213, 226, 228, 240, 241, 252, 254, 263, 268, 272, 273, 274, 275, 276, 277

Educação Formal 111, 132, 140, 142

Ensino de Língua Portuguesa 84, 85

Estereótipos 16, 39, 41, 44, 62, 63, 68, 69, 71, 80, 84, 85, 91, 162, 202, 218, 249, 250, 265, 276

F

Feminismo 24, 25, 26, 27, 28, 31, 35, 66, 82, 83, 123, 131, 154, 164, 165, 167, 168, 169, 172, 184, 186, 202, 212, 214, 216, 218, 220, 221, 222, 223, 270

Formação de Motoristas 36

G

Gerencialismo Neoliberal 123

Gestão Educacional 96

I

Identidade de Gênero 29, 70, 84, 91, 192, 193, 195, 197, 209, 210, 212

Identidade Feminina 24, 25, 27, 28, 30, 34, 87, 147, 210

Identidades 25, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 55, 61, 63, 84, 85, 93, 110, 111, 112, 132, 157, 196, 197, 201, 202, 207, 216, 221, 228, 233, 237, 268, 270, 271, 274, 275, 276

Imagem 40, 43, 56, 57, 58, 59, 61, 98, 133, 161, 162, 211, 226, 245, 273

Isolamento 12, 13, 16, 17, 18, 21, 23, 118

M

Masculinidades 36, 39, 55, 89

Medicalização 73, 76, 77, 78, 79, 80, 83

Moral 5, 10, 15, 53, 60, 99, 118, 119, 120, 121, 137, 143, 146, 147, 157

Mulher 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 42, 43, 44, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 91, 92, 96, 98, 108, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 159, 167, 168, 169, 170, 172, 178, 181, 183, 184, 187, 190, 194, 195, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 221, 225, 226, 227, 228, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 241, 243, 247, 248, 249, 250, 252, 259, 260, 261, 266, 273, 274, 275, 276

Mulheres 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 39, 40, 44, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 259, 260, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 273

P

Papéis de Gênero 36, 51, 54, 194

Patriarcalismo 26, 118, 119, 120, 121, 203, 212

Pin-Up 56, 57, 59, 60, 61

Políticas Públicas 115, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 166, 183, 190, 192, 194, 195, 221, 236, 240

Práticas Escolares 96, 102, 274

Q

Quebradeira de Coco Babaçu 110, 112, 117

S

Saúde da Mulher 73, 74, 80, 82, 113, 134, 142, 145, 149, 150, 152

Século XX 108

Sexualidade 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 54, 57, 58, 60, 61, 63, 66, 70, 71, 77, 79, 82, 83, 94, 95, 132, 143, 155, 156, 159, 163, 164, 169, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 212, 213, 216, 243, 244, 248, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277

T


Trabalhista 118, 203

Trânsito 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 159, 214, 218, 219, 220, 221

V

Violências 13, 15, 110, 113, 143, 198, 268, 269, 270, 271

RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 